



Coletivo Agroecologia Paraopeba: trocando saberes nos territórios Sem Terra em Minas Gerais

Coletivo Agroecologia Paraopeba: exchanging knowledge in landless territories in Minas Gerais

MARQUES, Viktor Silvério¹; CRODA, Jéssica Puhl²; IUNES, Camila Silva³; COIMBRA, Gabriel Briguetti⁴; RABELLO, Flora Vilela Faria Cardoso⁵; MOURA, Cleunice Fátima⁶

¹Coopertrac, vitorsmarques@gmail.com; ²Coopertrac, jessicaproda@gmail.com; ³Coopertrac, camilasiunes@gmail.com; ⁴Coopertrac, gabrielbriguetti@gmail.com; ⁵Coopertrac, floravalente0@gmail.com; ⁶Coopertrac, cleunicefmoura@gmail.com

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo Temático: Construção do Conhecimento Agroecológico

Resumo: A ação do *Coletivo Agroecologia Paraopeba* se consolida em Minas Gerais, através da construção do conhecimento agroecológico, a partir do *Diálogo de Saberes* no Encontro de Culturas, tendo as famílias camponesas como protagonistas, no objetivo de fortalecer processos produtivos e organizativos orientados pela Agroecologia e Cooperação. A partir da convivência com famílias assentadas e acampadas, se efetivou um plano de ação, sendo definidos os eixos temáticos baseados na formação, comunicação e experimentação. As experiências agrofloretais já existentes nos territórios e as trocas de saberes potencializaram a visão sistêmica do Agroecossistema Agroecológico Agroflorestal, sob a abordagem da inserção do componente arbóreo. As famílias realizam mutirões de implantação e manejo agrofloretais, aplicando os princípios e práticas agroecológicas nos territórios. O Coletivo aposta na formação das famílias como educadoras para avançar na Agroecologia nos territórios Sem Terra em Minas Gerais.

Palavras-chave: assistência técnica popular; sistemas agrofloretais; agroecologia e cooperação.

Contexto

Em 25 de janeiro de 2019 ocorreu o rompimento da barragem de rejeitos de minério da Mina de Córrego do Feijão, em Brumadinho, MG. Este evento, de causas criminosas, foi julgado como de responsabilidade da mineradora Vale S.A. O rompimento da barragem é consequência direta de um processo de exploração predatória do minério em Minas Gerais. A exploração inconsequente resultou na morte de mais de 200 pessoas. Em larga escala, o desprendimento dos rejeitos impactou fatalmente a biodiversidade ao longo da Bacia Hidrográfica do Rio Paraopeba, matando fauna e flora nativas, contaminando nascentes, córregos adjacentes ao rio Paraopeba, assim como o solo, ocasionando grandes danos sociais, ambientais e econômicos ao longo de toda a Bacia.

O Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem Terra – MST, já organizado em assentamentos e acampamentos no território desde 1999, vem denunciando há tempos o modelo predatório da mineração na região e projetando ações que visam o fortalecimento da produção de alimentos saudáveis, sempre aliadas à preocupação com a recuperação ambiental.



Após o rompimento da barragem, o MST vem consolidando o Programa Popular Agroecológico de Reparação da Bacia do Paraopeba, que tem como eixos principais os direitos humanos, a educação, a recuperação ambiental e a produção agroecológica de alimentos, e que se alia à luta pela Reforma Agrária Popular no Brasil.

O Programa atua em cinco áreas de Reforma Agrária na Bacia do Paraopeba, abrangendo mais de 1000 famílias camponesas, sendo elas: Assentamento 2 de Julho, no município de Betim; Assentamento Ismene Mendes, no município de Pará de Minas; Acampamento Maria da Conceição, no município de Itatiaiuçu; Acampamentos Pátria Livre e Zequinha Nunes, no município de São Joaquim de Bicas.

Os processos de desenvolvimento, organização e planejamento da produção de alimentos agroecológicos são coordenados pelo Setor de Produção Cooperação e Meio Ambiente da Regional Metropolitana Milton Freitas, em parceria com a Cooperativa dos Trabalhadores e Trabalhadoras da Agricultura Camponesa – Coopertrac. A Coopertrac foi fundada com o objetivo de qualificar o serviço de acompanhamento e construções de ações técnicas produtivas populares, aos vários grupos produtivos da agricultura camponesa, seja de iniciativa econômica ou social, existentes nas comunidades, acampamentos e assentamentos rurais.

É nesse sentido que se consolidam as ações do Coletivo Agroecologia Paraopeba. Uma equipe técnica iniciou atividades em janeiro de 2021, tendo como meta um plano de trabalho de 3 anos, atuando através da Coopertrac na assistência técnica popular. O Coletivo busca o fortalecimento, junto às famílias camponesas assentadas e acampadas, dos processos produtivos orientados pela Agroecologia e Cooperação.

Descrição da Experiência

A atuação do Coletivo Agroecologia Paraopeba é inspirada e orientada na educação freireana, assumindo como processo pedagógico norteador da construção do conhecimento agroecológico o *Diálogo de Saberes* no Encontro de Culturas (método de trabalho de base agroecológica). A equipe técnica aposta no protagonismo das famílias camponesas para fortalecer os aspectos organizativos, produtivos e formativos em cada território.

A organização da ação técnica do Coletivo Agroecologia Paraopeba se constitui coletivamente, a partir da construção de um planejamento técnico baseado na convivência com as famílias Sem Terra. O diálogo é realizado com as coordenações dos territórios, juntamente com os coletivos organizados. Nos assentamentos, o diálogo se faz com as famílias organizadas em associação ou coletivos de produção, com enfoque no agroecossistema familiar. Já nos acampamentos, o foco do trabalho são as áreas produtivas coletivas, dialogadas com os núcleos de base e os coletivos organizados.



A partir da convivência com as famílias assentadas e acampadas da reforma agrária na região metropolitana de Minas Gerais, foi possível realizar um diagnóstico inicial, envolvendo um conjunto de questões abertas organizadas em um roteiro semiestruturado. No diálogo orientado pelas famílias, foram abordados os aspectos relacionados à história de vida, desde a inserção até a trajetória no MST, junto com os aspectos ambientais, econômicos, sociais, políticos e organizativos. Posteriormente, na sistematização do conteúdo, são identificadas as falas e práticas significativas de cada família. As falas e práticas significativas são organizadas em quatro categorias: as potencialidades, os limites, as perdas e as contradições enfrentadas e vivenciadas pelas famílias. Com essa primeira etapa do *Diálogo de Saberes*, buscou-se conhecer e compreender a realidade de cada família e de cada agroecossistema nos territórios Sem Terra.

Através da análise dos agroecossistemas, a segunda etapa do *Diálogo de Saberes* consistiu na devolutiva para as famílias do conteúdo sistematizado e na construção do plano de ação de acordo com a realidade de cada território. O plano de ação é composto por eixos temáticos pensados estrategicamente para organizar o trabalho junto às famílias e promover o avanço na Agroecologia e Cooperação. Os principais eixos temáticos construídos com as famílias foram: biodiversidade e agrobiodiversidade, manejo ecológico do solo, sistemas agroflorestais, alimentação e bem-estar animal.

Os eixos temáticos se configuraram nos temas técnicos centrais, constituindo a base norteadora da construção do conhecimento agroecológico: formação - comunicação - experimentação. A formação é impulsionada pela relação camponês(a) a camponês(a), que a partir da experimentação e da ação-reflexão-ação possibilita a troca de saberes entre as famílias e os territórios em um processo contínuo de aprendizados, denominado de plano de formação.

Na concepção do plano de formação, os educadores e as educadoras são as próprias famílias camponesas, que integram a Coordenação Político Pedagógica (CPP) junto com a equipe técnica, atuando de forma ativa em todas as tomadas de decisão e de planejamento referente aos eixos temáticos. Na relação camponês(a) a camponês(a) foram organizados 7 (sete) intercâmbios em diferentes regiões do estado de Minas Gerais, São Paulo e Rio Grande do Sul, com a finalidade de aprofundar os temas técnicos e organizativos, conhecer outras experiências camponesas, avançar na construção do conhecimento agroecológico na região e fortalecer os coletivos de produção organizados.

A partir das experiências agroflorestais existentes nos territórios, assim como da troca de saberes, foi possível construir com as famílias a visão sistêmica do Agroecossistema Agroecológico Agroflorestal. O Agroecossistema Agroecológico Agroflorestal parte do olhar para todo o agroecossistema de forma planejada, entendendo a inserção do componente arbóreo com múltiplas funções (frutíferas, adubadeiras, melíferas, madeireiras, quebra-vento e matéria orgânica).



As famílias camponesas construíram os desenhos dos agroecossistemas, apresentados como projetos de vida, para avançar no planejamento produtivo dos subsistemas (Figura 1). O trabalho foi organizado em mutirões, considerando o calendário agrícola, priorizando a implantação de novos sistemas agroflorestais, cultivos anuais, capineiras, hortas e jardins medicinais.

Diante disso, foram implantados 10 hectares de sistemas agroflorestais com arranjos diversificados, construídos junto com as famílias de acordo com o seu objetivo, cerca de 5,6 hectares de cultivos anuais plantados em trabalho coletivo de diversas variedades de espécies, principalmente de milho, soja, amendoim, mandioca, feijão e abóboras, utilizando sementes e propágulos crioulos das próprias famílias e de troca entre as famílias e 1,4 hectares de plantio de capineira para provimento da alimentação animal agroecológica.

As famílias realizam os manejos agroflorestais semanalmente, se destacando entre as práticas agroecológicas adotadas a utilização da cobertura vegetal permanente do solo, aproveitando a matéria orgânica disponível nas propriedades, a adoção das curvas de nível para as áreas declivosas, o plantio de adubação verde e o uso de pós de rochas para melhorar a fertilidade e o manejo ecológico do solo (Figura 1).



Figura 1. Representação das ações realizadas do Coletivo Agroecologia Paraopeba junto com as famílias acampadas e assentadas na região metropolitana de Minas Gerais. Fonte: Coletivo Agroecologia Paraopeba (2022).

Resultados

A ação técnico-pedagógica do Coletivo Agroecologia Paraopeba, junto às famílias camponesas organizadas nos assentamentos e acampamentos da Bacia do



Paraopeba, fortalece os princípios organizativos construídos e consolidados pelo MST ao longo da sua história, estabelecendo um conjunto de processos técnicos, produtivos e de pertencimento ao território, tendo o protagonismo das próprias famílias camponesas como ação central no diálogo de saberes e na transformação dos agroecossistemas agroecológicos e agroflorestais.

O avanço na construção do conhecimento agroecológico se dá de forma coletiva e organizada, potencializando as famílias camponesas como educadoras e educadores, rompendo a lógica imposta pelo agronegócio da mercantilização e individualização dos processos. A transição e adoção dos princípios da Agroecologia se intensifica de forma sistêmica e integral, uma vez que através da valorização dos conhecimentos, do sentimento de pertencimento e do trabalho coletivo, nota-se uma grande mudança tanto nas relações humanas como nos agroecossistemas familiares e coletivos.

Um dos desafios enfrentados pela ação técnica, é a manutenção da organização coletiva. A estratégia adotada é o envolvimento das famílias em todas as etapas do planejamento e execução das atividades: coordenação dos dias de campo, a equipe de mística, da alimentação e dos trabalhos práticos que serão realizados, dividindo as tarefas e os respectivos responsáveis. Dessa forma, cada camponês e camponesa, vão descobrindo novas habilidades e potencializando as já existentes.

Agradecimentos

Agradecemos a todas as famílias acampadas e assentadas da reforma agrária na região metropolitana de Minas Gerais, símbolos de resistência e luta pela reforma agrária popular, que apostam no trabalho coletivo e na Agroecologia para a transformação dos agroecossistemas e da sociedade.